

CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DO ISOLAMENTO SOCIAL PROVOCADO PELA COVID-19 E A BIOPOLÍTICA

CONSIDERATIONS REGARDING THE SOCIAL ISOLATION CAUSED BY COVID-19 AND BIOPOLITICS

Paulo Velten¹

RESUMO

Este texto é o fruto das minhas angústias durante o isolamento social provocado pela pandemia. Nele exponho minhas dúvidas e receios a respeito desse ser um momento no qual, a dominação prevista no conceito de Biopolítica de Michel Foucault estabeleceu um novo nível de exigência ou, marcou sua superação enquanto conceito. A Covid-19 não é apenas um evento sanitário devastador, é também uma experiência sociológica, talvez sem precedentes. Essas inquietações são enfrentadas a partir da revisão da obra Segurança, Território e População, de Foucault. Nela, por meio da análise de dados de uma "pandemia" descrita no início do século XIX, o autor discorre sobre o poder disciplinar "a peste" exerceu sobre a vida das pessoas. Para além, abordo ainda autores que já enfrentaram a atualidade do conceito Foucaultiano, com o objetivo de produzir uma dialética capaz de deduzir se é razoável ou ilusório pensar que voltaremos à vida como era antes da pandemia.

PALAVRAS-CHAVE: Covid-19, Isolamento social, Biopolítica

ABSTRACT

This text is the result of my anguish during the social isolation caused by the pandemic. In it I expose my doubts and fears about this being a moment in which the domination foreseen in Michel Foucault's concept of Biopolitics established a new level of demand or marked its overcoming as a concept. Covid-19 is not only a devastating health event, it is also a sociological experience, perhaps unprecedented. These concerns are addressed through a review of Foucault's Security, Territory and Population. In it, through the analysis of data from a "pandemic" described in the beginning of the 19th century, the author discusses the disciplinary power "the plague" exerted on people's lives. In addition, I also approach authors who have already faced the current Foucaultian concept, with the

¹ Pós Doutor, Professor na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Ex Coordenador do Colegiado do Curso de Direito por dois mandatos, Coordenador do Curso de Especialização em Educação em Direitos Humanos, Organizador de quatro livros de artigos em Educação em Direitos Humanos e Biopolítica, Autor do livro: Identidade e Contramajoritarismo no STF. Membro da Comissão de Ética da OAB/ES em duas gestões, Membro e co-autor do Relatório da Comissão da Verdade da Universidade Federal do Espírito Santo, Ex-Membro do Comitê Estadual de Prevenção e Erradicação da Tortura. Com atuação no magistério de Direito Ambiental, Constitucional, D.Humanos, Processual, Tributário e Civil na graduação e em vários cursos de Pós-Graduação.

aim of producing a dialectic capable of deducing whether it is reasonable or illusory to think that we will return to life as it was before the pandemic.

KEYWORDS: Covid-19, Social isolation, Biopolitics

Introdução

Na medida em que escrevo esse texto vejo uma reportagem da televisão na qual é demonstrado como os cidadãos da China pós Covid-19 vivem uma “nova normalidade”, muitíssimo mais controlada, em que aplicativos separam pessoas imunes, assintomáticas ou contaminadas, fazendo com que vivam sob restrições completamente distintas.

Em 2014, eu escrevi sobre a imposição à população, por parte do Estado, de um *modus operandi* que se impregnava na forma de viver das pessoas de maneira ditatorial, mesmo em regimes reconhecidamente democráticos. Àquela altura me referia sobre a perspectiva de um Estado impor uma vida totalmente subjugada.

Aquele raciocínio derivava de uma análise a partir da imposição de um modo de vida tão disciplinado como o militarismo, e que não por acaso foi imposto ao brasileiro desde a proclamação da república até os dias atuais, com breves períodos de trégua.

Embora no Brasil essa prática seja contínua, vou utilizar o Estado nazista para demonstrar essa hipótese, pois talvez tenha sido ele o primeiro no século XX a admitir a pretensão de domínio total não velado de seu povo.

A pretensão de domínio total pode ser depreendida a partir da obsessão que o regime nazista desenvolveu pelos limites do corpo, tanto que, as barbaridades perpetradas nos campos de concentração com suas vítimas não eram fruto apenas da perversidade de seus agentes, mas também serviam como experimento científico. Nesse sentido é notável o artigo² do que demonstra que os oficiais da SS (a polícia de Hitler) nazista eram doutores e não simples soldados incultos.

Apesar de sua derrota na Segunda Guerra Mundial, as experiências e os métodos desenvolvidos na Alemanha não se extinguiram, antes, espalharam-se e encontram-se

² Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/21/cultura/1498069163_921732.html?ssm=FB_BR_CM>.

Acesso em: 04 de maio de 2020.

diluídos em toda cultura moderna. O nazismo foi apenas o primeiro protótipo de um Estado radicalmente dominador.

Deve-se ressaltar ainda que a primeira lei excepcional do governo nazista igualmente era de natureza médica, pretendia o cadastramento com fins de assistência social dos acamados e inválidos, que posteriormente foram contemplados com a legalização de seu “direito a eutanásia”.

A eugenia perpetrada pelo nazismo foi além de um fenômeno social extremo, uma experiência científica apoiada por uma elite econômica que não se olvidou em transformar a tragédia numa oportunidade de fortalecimento de seus interesses.

Com o fim do nazismo e os julgamentos no Tribunal de Nuremberg, a impressão que se teve foi a de que as horrorosas práticas desenvolvidas nos campos de concentração seriam enterradas como o experimento mais dramático e cruel da história, um limite além do qual jamais se avançaria.

Contudo, tais práticas não foram abandonadas, pelo contrário, foram aperfeiçoadas e se tornaram muito mais sofisticadas pelo conluio existente desde aquela época entre a indústria médica e o Estado nazista. As técnicas desenvolvidas nos campos de concentração para controle absoluto e minucioso dos corpos e até dos instintos de suas vítimas foram incorporadas por todo o sistema produtivo, obviamente com objetivos mais legitimados moralmente. Mas é importante salientar que serviram para criar sistemas de controle de bens, riqueza, tempo e trabalho.

Outra técnica científica muito desenvolvida no nazismo foi na comunicação. Eles foram os pioneiros nas táticas para controle e manipulação de multidões, haja vista os espetaculares e disciplinados desfiles que promoviam a histeria em torno de Hitler. Tudo isso está devidamente documentado e o leitor poderá obter o adequado detalhamento nas obras *Homo sacer* (2014) e *Estado de Exceção* (2004) de Giorgio Agamben.

O Estado Nazista não tinha a pretensão de controlar o comportamento social, regular o modo de vida das pessoas. O controle que se buscava era pelo corpo, tanto que o inimigo principal que o Estado nazista elegeu foi o judeu e não o judaísmo, o comportamento que ele representa.

A inimizada era contra a genética judia e não contra uma insubmissão ou eventual oposição ao regime. Os nazistas queriam eliminar o *gene* dos judeus, para isso atribuíam a eles a culpa por várias sandices, pouco importava se fossem simpatizantes ou não do

nazismo. Mesmo judeus nascidos na Alemanha, dependendo de sua ascendência deveriam perecer. A pureza da raça buscada pelo nazismo era antes de tudo uma barreira sanitária.

. O fato relevante é que o exercício do racismo estatal criou as condições para o desenvolvimento da tecnologia de controle político. Essa tecnologia demanda para seu exercício de poderes excepcionais, ou seja, poderes absolutos para agir, pois o controle há de ser total.

O poder já era exercido de forma absoluta (Absolutismo), durante todo o período medieval. O poder era exercido soberanamente pelo Rei e derivava de um mandato divino. A outorga era divina e não restava dúvida.

Ocorre que, segundo Michel Foucault em sua obra *Em defesa da sociedade* (2010, p. 43) na virada do século XVII para o XVIII o poder trocou de mãos. Houve um fluxo, o poder migrou da mão do soberano para o Estado e, no interior do Estado, em vez de ficar concentrado nas mãos do governante, passa a transitar, “circular por muitas mãos”³, até transferir-se para fora dos domínios do Estado, para o espaço privado. Assim, houve uma transferência do poder do Estado nação, fazendo com que indivíduos ou grupos de indivíduos pudessem usufruir capilar e setorialmente de partes do poder.

Esse poder exercido no âmbito privado tem por característica passar ao largo dos poderes constituídos das normas constitucionais, da ética ou qualquer tipo de moralidade, seja religiosa ou estatal. Este tipo de poder, até tolera a existência do direito e das instituições políticas, que podem lhe ser úteis pontualmente, entretanto, importa-lhe apenas subjugar-lo à condição de laiaio submisso, tanto faz o regime político, se democrático ou autoritário.

Assim, os corpos, pelos mais variados métodos e programas, vão sendo empurrados para fora do marco legal, rumo a um ambiente no qual possam ter seus corpos adestrados, “docilizados” (uma expressão *Foucaultiana*), de modo a obter deles préstimos produtivos, que disciplinam a vida em absolutamente todos os seus aspectos. Nas palavras de Foucault (2010, p. 80):

³ Para Foucault o poder é “[...] como uma coisa que circula, que funciona em cadeia, que não está localizado aqui ou ali, que não está em mãos de ninguém, se exerce em rede, transita por entre indivíduos que são sempre seus intermediários, o seu exercício por um indivíduo é efeito do poder e não sua origem. O poder é como a energia que transita por nosso corpo, é a coisa mais bem distribuída do mundo” (FOUCAULT, 2010, p. 26).

Este lugar de ausência de lei produz a irrupção do estado de exceção e se por toda a parte sob o domínio privado, tornando-se, uma estrutura política permanente, nesta perspectiva, o mega-empresário, o mega-jurista, o mega-médico, o mega-cientista, o mega-sacerdote entram em simbiose temporária, escolhendo cada um, segundo sua área de domínio excepcional o modo de “vida digna de ser vivida”, se tornando uma ameaça real à dissolução do estado.

Foucault chama de Biopolítica essa política de domínio sobre o corpo. Confesso, entretanto, que sempre tive certa resistência a essa perspectiva de Foucault, afinal, como jurista, sou impregnado da crença na atuação do poder do Estado, da Constituição e de suas instituições.

Ocorre que, o desolamento produzido em mim por este forçado isolamento social, causado pela Covid-19 é tal, que jogou por terra quaisquer das minhas crenças, e consequentemente minha resistência, posto que, minha forma de vida, meu trabalho, minha liberdade, minhas convicções, enfim; tudo se foi, restando lugar somente para uma grande indignação. Consola-me um pouco o fato de não estar só nessa frustração, na medida em que vejo a incapacidade da humanidade inteira diante da pandemia.

Os líderes mundiais, não escondem suas respectivas perplexidades, nenhuma de suas convicções está de pé, encheram seus gabinetes de matemáticos e estatísticos e apenas contabilizam a tragédia, o máximo que conseguem expressar, quando conseguem, é: “fiquem em casa!”

Somente para ilustrar essa impotência, cito a notícia na qual o mais doentio Presidente que já ocupou a Casa Branca Americana, anuncia o maior programa de distribuição de renda da história⁴, contrariando, assim, as mais básicas e tradicionais prescrições do Estado Liberal. Ou ainda, a notícia de que o Fundo Monetário Internacional (FMI)⁵, maior instrumento de controle econômico dos países subdesenvolvidos, acaba de admitir a importância de não mais serem observados os rígidos limites orçamentários que impunham tradicionalmente.

Esta pandemia produziu um paradoxo jamais imaginado na economia ortodoxa. Mas ressalte-se que esses dois exemplos dizem respeito somente a contradição e a derrota da mais tradicional ideologia política que restava no mundo, demonstra ainda a antinomia

⁴ Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/03/25/O-pacote-trilion%C3%A1rio-dos-EUA-para-combater-a-crise-do-coronav%C3%ADrus>>. Acesso em: 04 de maio de 2020.

⁵ Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/03/31/fmi-previsao-de-recuperacao-no-proximo-ano-depender-de-como-pandemia-sera-contida.ghtml>>. Acesso em: 04 de maio de 2020.

entre a tradição propagada e ensinada como mantra aos quatro ventos há pelo menos três séculos e a gravidade da emergência sanitária.

Pois bem, posto o problema da impotência atual, surgem os dilemas que serão enfrentados aqui de maneira dialética através dos seguintes questionamentos: A imposição do isolamento social em todo o mundo estabelece um novo nível de complexidade à Biopolítica *Foucaultiana* ou marca sua superação enquanto conceito?

A resposta a essa pergunta poderá induzir uma perspectiva capaz de concluir se é razoável ou ilusório pensar que é esse, o isolamento social, um evento passageiro e momentâneo e que tudo voltara à normalidade, ou; que por outro lado, estaremos diante de uma “normalidade” completamente nova, a qual teremos que nos adaptar.

Uma normalidade na qual, nossos espíritos, tal qual já são nossos corpos, agora também serão manipulados, de modo que nossos sentimentos como o amor e o ódio, estarão submetidos virtualmente, visto que, inexoravelmente acorrentados a algum maldito algoritmo comandado privadamente.

1. A peste

Após compartilhar destas angustias com alguns colegas, os quais citarei mais adiante, retorno a Foucault, inicialmente por uma razão histórica. A revisão de sua obra *Segurança, Território e População* (2008) traz um dado que é muito curioso se comparado aos dias atuais de enfrentamento à uma pandemia. Ele conta que em 1806, um estatístico chamado *Duvillard*⁶ publicou um trabalho denominado *Análise da influência da varíola*. Este texto estabelecia todos os dados quantitativos que foram acumulados no século XVIII a respeito da inoculação da varíola em pacientes sãos. Além disso, relatava, por exemplo, que cada criança que nascia tinha um risco de pegar a varíola na proporção de 2/3, que para cada faixa etária havia um risco específico (taxa de morbidade), assim quem pegasse varíola tinha um risco de morrer de acordo com a faixa etária, e ainda, com variáveis conforme a profissão, o meio em que vivia etc.

A peste descrita no livro era a varíola, e estabeleceu-se como possibilidade que o sujeito fosse inoculado com o vírus, assim, o estudo demonstrava, caso a vítima fosse

⁶ É importante a observação que não se tratava de um médico, mas de um estatístico de seguros.

“variolizado”⁷ o índice de morte, e ainda, caso não fosse, e qual a possibilidade, mesmo tendo sido variolizado, de pegar varíola no futuro. Para além, um índice de “normalidade” a partir do qual se calculariam as disfunções em razão dos fatores citados, mas não nos deteremos a esses dados aqui, para que o leitor não perca a oportunidade de conhecer a obra e o texto devidamente referenciado.

Estes fatores de risco descritos no texto possibilitaram o desenvolvimento, segundo Foucault de técnicas de governabilidade através do controle da peste. Isto significa que, não é somente a partir do aparato legal que se governa, mas para além, governa-se também por dispositivos de disciplina.

Para tanto, cita diferentes escritos do fim do século XVI e início do século XVII, que foram instrumentos disciplinares em relação a um evento denominado “a peste”. Assim descritos (FOUCAULT, 2008, p. 14):

“Trata-se nesses regulamentos relativos à peste de quadrilhar literalmente as regiões, as cidades no interior nas quais existe a peste, com uma regulamentação indicando às pessoas quando se pode sair, como, a que horas, o que devem fazer em casa, que tipo de alimentação devem ter, proibindo-lhes este ou aquele contato, obrigando-as a se apresentar a inspetores, e abrir a casa aos inspetores”.

Isso é de uma atualidade fantástica, pois ele analisa esses dispositivos de controle da peste, verdadeiro flagelo humanitário da época. Diante disso, é fácil concluir que a pandemia da Covid-19 não é um evento originário ou surpreendente. A história da humanidade é repleta delas. Mas a riqueza dos dados do texto de *Duvillard* é impressionante.

Outro fato relevante é que o isolamento social é uma experiência que tem sido testada em outras áreas sociais e está se tornando comum, é uma exceção que está virando regra. Em breve recuperação histórica, podemos citar, por exemplo, a greve na Polícia Militar em 2017, no Espírito Santo, que gerou um pavor e um isolamento social sem precedentes; a intervenção no Rio de Janeiro em 2018, que ocupava e isolava comunidades onde havia centenas de milhares de pessoas; bem como a greve da polícia no Ceará em 2019.

⁷ Foucault explica que, grosso modo, somente em meados do século XIX que a expressão vacinação vai fazer sentido, a partir de Pasteur, até então inocular o vírus da varíola era uma prática puramente empírica, sem respaldo da ciência médica.

Se ampliarmos a lente de observação um pouco mais, nestes últimos trinta anos de intermináveis guerras em todo o mundo, bem como os contínuos desastres ambientais, são inúmeros os grupos sociais submetidos a algum tipo de segregação social, em estado de sítio ou de emergência.

2. Os Zombadores sociopatas e o vazio de poder que representam

Noam Chomski em entrevista⁸ adverte que a Covid-19 era previsível se tivéssemos no poder pessoas realmente comprometidas, afinal os surtos da *Sars* em 2003, da Gripe suína em 2009 e do H1N1 em 2011 — só para ficar no mesmo grupo de vírus — demonstrava a necessidade de atenção com o ambiente. Além disso, os inúmeros avisos produzidos pelas sequenciais catástrofes ambientais, cada vez mais comuns, bem como as inúmeras guerras ao redor do mundo, têm produzido cada vez mais esses eventos desagregadores da vida. Chomski constata ainda que “[...] a era da distância social já havia começado há vários anos devido ao uso indiscriminado da tecnologia digital”, mas sobre isso tratarei mais adiante.

Por hora, ressalto o que ele chama como, “nível dos líderes mundiais atuais”. Chomski os classifica como “pessoas absolutamente incapazes”, chega a usar a expressão “[...] zombadores sociopatas que cegos pela ambição, egoísmo ou apatia, preferem dar toda a direção aos tiranos de das grandes corporações e da chamada ditadura do mercado”.

Chomsky lembra como exemplo o caso da poliomielite, que era uma ameaça real para os seres humanos e que foi praticamente eliminado porque o governo dos Estados Unidos distribuiu vacinas *Salk* para toda a população sem que os problemas econômicos das patentes fossem um problema.

É fácil perceber que nossos líderes atuais são apenas caricaturas políticas, são como bonecos de ventríloquos ocupando cargos públicos. Em complementação a essa ideia, é importante salientar as inúmeras suspeitas quanto à legitimidade das eleições desses “zombadores”, notadamente influenciadas pelas denominadas *Fake News*. Ocorre que, as máscaras que cobriam o rosto desses “líderes-marionetes” durante suas “apresentações teatrais”, com a pandemia, foram retiradas. Suas habilidades de entreter são dispensáveis

⁸ Disponível em: <<https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/direitos-humanos/63998/chomsky-coronavirus-e-algo-serio-o-suficiente-mas-ha-algo-mais-terrivel-se-aproximando>>. Acesso em: 04 de maio de 2020.

ou inúteis em plena catástrofe humanitária. Ninguém pode esperar dessas figuras a resolução dos graves problemas mundiais.

Atualmente, não há grandes homens capazes na administração pública, nem no parlamento, exceto alguns que pouco podem diante do vácuo humanitário que predomina nos parlamentos.

O tempo atual mede a competências dos governantes em seus diversos níveis, pela capacidade que seus gabinetes têm de tabular dados estatísticos, e que, por sua condição própria, são incapazes até de manter povo em isolamento social. Dessa forma, resta a eles apenas entreter a mídia com estranhas bizarrices diárias, manchetes sensacionalistas e fanfarrônicas.

A entrevista de Chomski dialoga com os textos do Livro *Aos nossos amigos: Crise e Insurreição* no qual afirma o autor do texto⁹ *O poder é logístico* (2016, p.100),

“A política como método morreu! Há um vácuo no poder! O poder não está mais lá! Mas apesar disso o mundo não acabou, o sistema de dominação pelo trabalho permanece, ainda que sob novas circunstâncias, de modo que, a organização do poder está na organização, material, tecnológica e física do mundo, é a ordem mesma das coisas e suas infraestruturas. As estruturas não podem ser paradas, há um fluxo produtivo onde o humano (trabalhador) não fazem mais parte do ciclo, ele não é mais o elemento produtor, no máximo ele dá manutenção no sistema produtivo.”

O texto sugere ainda que os mecanismo de controle absoluto sobre o trabalho tendem a controlar igualmente o espaço político. É o que se observa por exemplo na atuação dos governos em relação ao controle da pandemia. Os políticos nada mais podem, todos os governos são controlados por matemáticos, estatísticos, sanitaristas e técnicos que ditam o certo, o errado e até, o futuro.

Só para exemplificar a atualidade dessa afirmação o Ministro da Fazenda brasileiro anunciou¹⁰ que pretende introduzir um “passaporte da imunização” com a submissão de milhões de pessoas à testagem em massa, de modo a identificar quem está imune à Covid-19 para poderem ser liberados para trabalhar. Assim, as técnicas de controle e disciplina superam a possibilidade da dialética, da divergência, do debate, e até, da política.

⁹ Os livros produzidos pela editora n-1 não tem autores, pois considera a edição um trabalho de criação que deve interagir com a pluralidade de linguagens e especificidades de cada obra publicada.

¹⁰ Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/coronavirus/guedes-sugere-passaporte-de-imunidade-na-2a-onda-de-impacto-da-covid-19/>>. Acesso em: 04 de maio de 2020.

Dentro dessa perspectiva, a estratégia seguinte seria o “controle do universo doméstico”. Com o isolamento social, estão sendo desenvolvidas as técnicas capazes de manter o indivíduo num espaço diminuto de atuação, em que tudo pode ser controlado nos mínimos detalhes, dos atos aos sentimentos, e assim, regulamenta-se a distância e a forma do toque entre as pessoas, coloca-se sob custódia qualquer humanismo e, até mesmo as expectativas quanto ao futuro.

Cabe aqui uma ressalva, o presente artigo não nega a gravidade da letalidade do vírus, muito menos questiona a necessidade da sociedade manter o isolamento social, mas apenas, chama atenção para o fenômeno que subjaz ao isolamento social, ou por outra, o controle absoluto, sistemático e pormenorizado do ambiente doméstico é também uma consequência inexorável da pandemia.

3. A governamentalidade algorítmica

Um daqueles amigos mencionados na Introdução, Pablo Ornelas Rosa, em seu livro *Fascismo Tropical* (2019, p. 246) menciona o controle da vida pela tecnologia, um governo ciberpolítico como um novo modo de subjetivação nos seguintes termos:

“A governamentalidade algorítmica não se restringe apenas à saber, situado em certa economia política agenciada pelo sistema financeiro, através do controle minucioso dos nossos dados disponibilizados voluntariamente por todos nós, cada vez que somos convocados a entrar na internet. Para que ele possa existir é necessário que haja um governo caracterizado pela forma de Estado, instrumentalizado não somente pela lei, mas também pela adesão à ciberpolítica através dos novos modos de subjetivação”.

Pablo defende que o conceito de Biopolítica não é mais o adequado para tratar do tempo presente, tendo em vista que na época de Foucault, a política era desenvolvida a partir do conceito de realidade em oposição ao idealismo iluminista, agora, entretanto, a política é desenvolvida num espaço de convivência *ciber*, ou seja, desenvolve-se também no universo tecnológico.

A governamentalidade algorítmica, ou pelo menos a pretensão dela, também aparece no texto *Fuck off Google* da obra já referida (2016). Segundo o texto, essa governamentalidade pode ser percebida, por exemplo, com a plataforma *Google* que, “[...] apesar de sua aparência inocente, é um projeto explicitamente político destinado a cartografar o planeta” (2016, p. 128), com o objetivo de compreender como funcionam

os comportamentos humanos e, ao codificar esses comportamentos potencializar suas ferramentas de domínio e controle.

Desta forma o controle é o novo paradigma de governo. Se, no início do século XX a pretensão dos governos era controlar as pessoas como relatado na introdução, com prisões, torturas e eliminações; atualmente, a complexidade aumentou, a dominação se dará pelo controle da liberdade, não mais dos corpos, mas dos interesses disponibilizados no espaço *ciber*. É a liberdade vigiada levada ao extremo, a partir do espaço *ciber*. O movimento, é esse o objeto do controle em jogo.

Em outro texto, *O poder é logístico, Bloqueemos tudo!* (2016, p. 14) especula-se sobre a motivação desse controle. O texto descreve as passeatas que ocorreram em todo o mundo em 2011, qualificando-as com insurreições éticas que protestavam contra o fracasso da democracia e da incompetência dos poderes instalados submissos ao “mercado”, e que, culminaram em movimentos como “ocupa Wall Street” e as passeatas produzidas pelo movimentos negros nos Estados Unidos, a primavera Árabe, dentre outros. Assim como os coletivos estudantis que ocuparam escolas e universidades no Brasil, ou ainda que protestaram contra aumento de passagens em São Paulo e reivindicando sua gratuidade, ou seja, o direito de livre locomoção.

É contra isso que essa nova governamentalidade inaugurada pela administração *ciber* como dispositivo biopolítico passou a agir, é contra isso que ela vai lutar doravante: a ocupação do espaço de liberdade pública, contra movimentos que se espalharam pelo mundo, ocupando ruas, avenidas praças, escolas, universidades, que pretendam basicamente, demonstrar a indignação das populações.

Nesse contexto o lugar do homem nesse universo *ciber* é apenas fazer parte do sistema, entretanto, sem protagonismo, assim como houve o *homo economicus*,¹¹ agora talvez seja a vez do *homo cibernético*, cuja existência é caracterizada apenas como uma forma de marcar o processo de melhoria dos algoritmos.

De outro lado Maurizio Lazzaratto,¹² apesar de considerar que a perspectiva *Foucaultiana* não conseguiu compreender que a biopolítica é, também, objeto da luta de

¹¹ O conceito de *homo economicus* no contexto pandêmico está brilhantemente explicado em artigo do professor Cartor Bartolomé Ruiz. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/598157-pandemia-e-as-falacias-do-homo-economicus>>. Acesso em: 04 de maio de 2020.

¹² Disponível em: <<https://outraspalavras.net/outrasmidias/o-encontro-da-revolucao-onde-foucault-a-perdeu/>>. Acesso em: 04 de maio de 2020.

classes; afirma também que, o contexto da pandemia Covid-19 demonstra claramente essa luta de classes na crise global de insuficiência de respiradores e leitos nos seguintes termos:

Cinquenta anos de neoliberalismo demonstraram que, por exemplo, a saúde pública, um dispositivo biopolítico por excelência, se encontra completamente investida pelo capital, privada, com fundos cortados, com a introdução de uma gestão “*just in time*” com uma lógica de zero camas desocupadas, que representam um zero “stock” de camas disponíveis, como se tratasse de uma indústria automobilística. Daí a falta de camas, de respiradores. Não produziram porque não queriam armazenar, não queriam perder dinheiro guardando e planejaram a produção para não haver dinheiro ocioso. A lógica atual de intervenção do Estado não é aquela do “cuidado da saúde da população”, mas a que assegura a produtividade do hospital e da estrutura sanitária. Aqui está a luta de classes que se desenvolve no terreno da biopolítica e que os patrões e o Estado são os únicos que nunca a abandonaram, são os únicos que estão dispostos a levar tudo até as últimas consequências, isto é, a guerra e o fascismo, se necessário.

Enfim, se para Foucault a pretensão da imposição do dispositivo biopolítico de controle da vida é uma pretensão comum a qualquer edifício ideológico que sustenta o Estado (liberal, social ou comunista), já para Lazzarato, o dispositivo biopolítico evidenciado nesta crise global parece trazer de volta o contexto da velha luta de classes marxista, e que deverá se atualizar no espaço *ciber*.

Considerações finais

Pareceu-me importante recordar essas lições de Foucault e seus comentadores, para demonstrar o caráter absolutamente transcendente de sua obra, bem como, lembrar que é a reboque das grandes epidemias que as grandes transformações sociais aconteceram. Se, o estudo dos mecanismos disciplinares levaram ao controle das pestes no passado e nos trouxeram à biopolítica, da mesma forma o estudo do mecanismo disciplinar de isolamento social nos levava aos próximos métodos de controle do espaço *ciber*.

E, apesar do tom dramático e fatalista assumido em todo o texto, apesar das inseguranças que expressei sobre a transitoriedade ou não das experiências que estamos vivendo neste período de isolamento social provocado pela Covid 19, parece-me que estamos diante de uma encruzilhada, na qual teremos que decidir entre, resistir a essa governamentalidade cibernética e sua “nova normalidade” ou, retornar ao cuidado primoroso de nós mesmos e não dos sistemas.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976); tradução Maria Ermantina Galvão, 2º ed. São Paulo: editora WMF Martis Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território, População**. Trad. Eduardo Brandão. SP: Martins Fontes, 2008.

ROSA, Pablo Ornelas. **Fascismo tropical**: uma cibercartografia das novíssimas direitas brasileiras/ Pablo Ornelas Rosa (organizador). Vitória: Editora Milfontes, 2019.

Aos nosso amigos: crise e insurreição/ Comitê Invisível; [tradução Edições Antipáticas]. – São Paulo: n-1 edições; 2016